



## Uma Cidade Que Se Tornou Estranha

Elizabeth Clarkson Mattos<sup>1</sup>, Moema Guimarães Motta<sup>2</sup>, Sonia Nogueira Leitão<sup>3</sup>, Valéria do Carmo Ramos<sup>4</sup>, Daiane Rocha<sup>5</sup>, Monique Bier<sup>6</sup>

Psiu! Psiuuuu... Vou lhes contar uma estória! A estória de uma Cidade...

Havia algo de estranho naquela Cidade... Nada era mais o mesmo... Havia ali uma diferença, sim, mas uma diferença esquisita, estranha... Já sei. Vocês provavelmente estão se perguntando o que é isso: estranho, estranheza... E eu já lhes digo.

Estranho é algo que deixou de ser comum... É, portanto, algo que está fora, fora do comum; algo enigmático, esquisito, desconhecido. Pois bem, vou-lhes contar a estória de uma Cidade que se tornou estranha! Afinal, as cidades também têm as suas estórias.

Antes de se tornar estranha, essa Cidade era um outro lugar... Muito diverso do de hoje.

Imaginem vocês que o Sol, quando despontava no horizonte, por detrás da montanha verdejante, gostava de testemunhar o Mar que, lentamente, ia tocando a praia... Era, ao mesmo tempo, tão azul e transparente esse Mar, que se podia ver os peixes, com seus coloridos, a brincar, como se estivessem apostando corrida uns com os outros... Nesse tempo, o Sol era tão luminoso e seus raios tinham um calor tão gostoso, que até parecia viver em constante alegria! Até quando as nuvens chegavam e o escondiam, era um outro cinza que surgia... Um cinza que apenas anunciava a chuva que parecia estar por vir...

Havia muitas árvores e flores nas ruas, de muitos tipos e cores... Mas também muitas e diferentes pessoas: crianças, jovens, adultos e idosos; de todos os tamanhos, jeitos e cores de pele. A rua era um lugar de bons encontros! No final do dia, as famílias e suas crianças punham as suas cadeiras do lado de fora e sentavam-se junto às calçadas... E, enquanto as crianças brincavam, os adultos

### Resumo

A intenção é dar visibilidade a essa estória, uma construção coletiva e transdisciplinar, como uma das estratégias criadas para operar o projeto de extensão "Pensando a vida contemporânea com crianças e adolescentes através da Filosofia". A partir de uma realidade concreta e viva, onde modos de viver diferentes e díspares são confrontados, a ideia era inventar um dispositivo que pudesse provocar crianças e adolescentes a problematizarem o nosso mundo contemporâneo. Isso aconteceria através de alguns temas filosóficos, neste caso, a ideia de *verdade* como *essência*, *coisa em si*, e como *produção histórica*, e suas possíveis relações com a vida; operar a Filosofia<sup>1</sup> junto a crianças e adolescentes, buscando provocá-los a construir modos de enfrentar a produção biopolítica contemporânea. Mais especificamente, dizendo: fortalecê-los na construção de linhas de fuga aos modelos hegemônicos de subjetivação, impostos por essa produção biopolítica e pela sociedade que a instaura, especialmente implicada nas práticas de controle.

**Palavras-chave:** Capitalismo, Subjetividade, Ética, Filosofia.

<sup>1</sup> Aqui, Filosofia é tomada segundo os pensamentos de Gilles Deleuze e Feliz Guattari.

<sup>1</sup> Médica, professora no Departamento Saúde e Sociedade – UFF, mestranda pelo Curso de Mestrado em Saúde Coletiva /UFF.

<sup>2</sup> Médica, professora no Departamento Saúde e Sociedade – UFF, mestre em Ciências – sub-área da criança, pelo I.F.F. – FIOCRUZ/ RJ;

<sup>3</sup> Enfermeira no Departamento de Planejamento e Gestão em Saúde, mestre em Ciência Política pela UFF.

<sup>4</sup> Psicóloga no Departamento Saúde e Sociedade – UFF, mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP e doutora em Filosofia pela UFRJ.

<sup>5,6</sup> Estudantes que participaram da construção do projeto na condição de alunas não-bolsistas

conversavam, conversavam, conversavam... Era tudo muito divertido!

Nesse tempo, havia também, na Cidade, um barulho que dia e noite permanecia... E que aumentava quando chovia. Vocês provavelmente se perguntariam que barulho seria esse e de onde viria... Conseguiram descobrir?! Se alguém pensou que pudesse ser uma cachoeira, acertou!!! O volume d'água era tamanho que, de muitos lugares dessa Cidade, ouvia-se o barulho da água nas pedras: chuammmmm....

Mas havia, nesse tempo, outra coisa bastante curiosa na Cidade. Quando algum problema acontecia e perturbava o seu ritmo e o modo de viver de seus habitantes, as pessoas organizavam-se e buscavam resolvê-lo sempre em conjunto, com a participação de muita gente!

Imaginem vocês, que, certa vez, foi um verdadeiro rebuliço na praça principal da Cidade! Uma multidão resolveu aliar-se ao mestre Jonas e aos seus companheiros de pesca. Esse grupo de pescadores começou a se preocupar com a sua subsistência, a senti-la até mesmo ameaçada, pois a Prefeitura resolvera ignorar o “Período do Defeso” e liberar a pesca...

Subsistência?! Período do Defeso?! Sou capaz de apostar que vocês estão se perguntando o que querem dizer esses nomes mais esquisitos! Acertei?! Mas se estão, não se preocupem, posso explicar... Como os seus pais e avôs, mestre Jonas e seus amigos também eram pescadores naquela Cidade. E era da atividade no mar que ganhavam o dinheiro necessário para criar seus filhos e sustentar suas famílias, quer dizer, garantir o seu sustento, a sua subsistência... Mas havia um período do ano em que todos os pescadores se viam obrigados a tomar alguns cuidados. Não podiam pescar como de costume! Sabem por quê? Porque os peixes começavam a se reproduzir, a procriar... Era preciso proibir a pesca para proteger ou defender o direito do nascimento de novos peixes – o “Período do Defeso”. Por isso, os pescadores tinham que usar redes com aberturas maiores para não arrastarem esses filhotes que precisavam crescer... E, assim, garantir que no futuro a pesca pudesse ser mantida!

Ainda hoje sou capaz de lembrar o discurso do prefeito Tabajara, quando sentado no seu gabinete disse a seus assessores:

— A decisão está tomada... Tenho que fazer crescer esta Cidade! A pesca está liberada... Não teremos Período do Defeso!

Uma decisão que lhe custou caro, pois provocou um grande movimento de indignação na população, que resolveu protestar...

— Queremos o Período do Defeso! Queremos o Período do Defeso! Queremos garantir o futuro da pesca aos pescadores! – dizia furiosamente a multidão que se havia plantado na frente da Prefeitura, num estrondoso rebuliço...

O protesto foi tão forte e ruidoso que o prefeito Tabajara não teve outra alternativa, senão recuar em sua decisão. Assim, a população, coletivamente, conseguiu resolver mais um problema e fazer a calma pairar mais uma vez sobre essa pacata Cidade... Uma calma que ninguém poderia imaginar que estava com os dias contados... prestes a acabar!

Mas o que terá acontecido?! Vocês poderão se perguntar...

Se vocês estão curiosos para saber o que aconteceu, aguardem só mais um pouquinho que já saberão.

Certo dia, ouviu-se uma gritaria na rodoviária... Uma notícia era gritada pela garotada que brincava ao redor dos ônibus parados e, aos poucos, era passada, de boca em boca, nas diferentes direções dessa Cidade:

— Um homem esquisito acaba de chegar à Cidade! Ele tem os olhos esticados, anda e fala muito estranho – dizia uma das crianças que imitava o caminhar daquela figura tão diferente.

— Um homem esquisito que trouxe de bagagem um montão de caixas de papelão... de todos os tamanhos quase lotou o bagageiro do ônibus! – complementou uma outra criança.

Podem acreditar, a curiosidade da população era tanta que, à medida que a notícia ia correndo pelas ruas da Cidade, as pessoas debruçavam-se na janela, com os “olhos compriiiiiiiidos”, tentando ver o homenzinho esquisito passar com suas caixas de papelão, carregadas por ele e alguns homens.

— Bom dia! Bom dia! Ter cuidado com caixas! – dizia ele

Vou arriscar: vocês também já estão curiosos para saber quem era esse homem esquisito, não?!

Ora, era um chinês que havia chegado de Shangai, uma cidade que fica muito longe dali, num outro país, na China. Isso mesmo: um chinês!!! Ele havia alugado a pequena loja do Sr. Joaquim para instalar uma loja de aparelhos eletroeletrônicos, quer dizer: computador, celular, MP3, DVD, câmera digital, filmadora... de todos os jeitos e preços... Tudo que as pessoas dessa Cidade nem imaginavam existir...

E foi exatamente aquela curiosidade em torno de sua figura que o chinês soube aproveitar a seu favor... Sua loja ia muito bem, de vento em popa. E como a avó do Julinho costumava dizer: vendia que nem pão quente!

Imaginem vocês que, rapidamente, o chinês aprendeu até um pouco de português!

— Pois não... Eu ter aqui bom produto... “Nanjing”, baratinho...

— Chinês ter ofertas que não pode perder!

— Produtos com garantia de multinacionais!

Assim, em pouco tempo, tudo começou a se modificar naquela Cidade... A começar pelo próprio modo de viver de seus habitantes!

O celular, que no início era um objeto estranho, passou a fazer parte do cotidiano de muita gente... E muitos não conseguiam mais viver sem ele, ainda que não precisassem muito dele... Imaginem que o Durval, até andando de bicicleta, não abria mão de usá-lo. Torpedos, mensagens e muito mais...

Isso sem falar na Internet... com uma infinidade de informações que levavam os alunos das escolas a muitas bibliotecas virtuais espalhadas pelo mundo inteiro, mas que muitas vezes os deixavam “tontos” com tanta informação, porque não sabiam para que serviam; e também com as infinidades de produtos que, num toque no *mouse*, poderiam ser comprados nos mais diferentes lugares, em prateleiras virtuais!

Mas havia também as câmeras digitais e as filmadoras... Nunca as belezas naturais e as festas daquele lugar foram tão flagradas por uma lente!

Era um verdadeiro fascínio pelas máquinas, que passou a levar pessoas a consumirem, consumirem... A comprarem, comprarem, comprarem desenfreadamente e, muitas vezes, a comprarem mais do que podiam... Aposto que vocês já sabem

onde isso foi acabar, não sabem? Isso mesmo: passaram a ficar completamente *en-di-vi-da-dos*! Isso mesmo: endividados! Compravam, mas não conseguiam pagar o que compravam!

A vontade de comprar cresceu tanto, que mal era lançado um novo produto, a maioria da população já estava na porta da loja do chinês para experimentá-lo e comprá-lo...

E sabem o que acontecia com aqueles produtos que estavam em casa? Iam para o lixo! Isso mesmo, até o lixo era outro: celulares, monitores de computadores; *chíps*, agora, faziam parte do lixo, que acabou se tornando um grande problema para a população.

Mas estejam certos de que isso não foi tudo!!! Outros acontecimentos também contribuíram para quebrar a calma daquela Cidade...

Já sei... já sei... estão curiosos para saber o que mais teria acontecido?! Acertei?!

Imaginem que, no final de certa tarde, como de costume, a praça estava repleta de gente... a caminhar, a conversar, a jogar conversa fora... Mas aquele era um final de tarde especial! Não se falava em outra coisa. Todos comentavam a novidade veiculada na rádio local (de propriedade do genro do prefeito Tabajara), naquela manhã: a parceria da prefeitura com o Sr. Juvenal – o mais rico e antigo negociante daquela Cidade no ramo da agropecuária – num empreendimento que vinha sendo anunciado como de grande interesse para a Cidade.

Há anos o Sr. Juvenal, um homem bastante astuto nos negócios, vem travando uma grande luta, uma verdadeira *quebra-de-braço* com os últimos prefeitos eleitos, sem muito êxito. Mas, dessa vez, saiu vencedor! O prefeito Tabajara, agora, em seu novo mandato, havia decidido vender contra a vontade da minoria da população uma grande extensão de terra pública àquele negociante para que ele pudesse ampliar a sua criação – aquele gado branco e bonito chamado Nelore. Conhecem?!

Pois bem, a população havia sido convencida de que aquele era um bom negócio para a Cidade; que, a partir de então, poderia até exportar o gado para outros países! Imaginem só! Foi uma grande campanha publicitária, mas acabou dando certo!

Apesar de a grande maioria parecia acreditar nos argumentos do prefeito, havia uma minoria que resistia bravamente!

— Se aquele prefeito pretende transformar nossa floresta em capim, está muito enganado!! Já sei o que precisamos fazer! Vamos fazer uma *contracampanha*. Só que a nossa será por e-mail! – propôs Luciano aos amigos, que também faziam parte daquela minoria.

— É isso! Pode dar certo! Precisamos mostrar aos outros que as terras vendidas são parte de nossa floresta! Não podem ser desmatadas! – concordou Eduardo.

— O prefeito quer fazer parte da nossa floresta nativa “virar capim”... Para onde irão os micos-leões, as araras azuis, os quatis, os esquilos e todos os outros...? E o ar que respiramos? O nosso clima? – interrogava Betinho, com uma mistura de indignação e irritação.

Foi um trabalho bastante árduo dos três e de seus outros amigos, que acabou durando alguns dias!!! Vocês podem fazer uma ideia, não?!

Mas será que vocês são capazes de fazer uma ideia do que resultou do grande esforço desses garotos?!? Podem apostar!!

Foi um resultado surpreendente e inquietante aos olhos daqueles garotos... Imaginem que a população, em sua grande parte, não conseguiu abrir mão de seu novo hábito: pensar só no presente, no aqui e agora. Não estava tão preocupada com o futuro, com o que estava por vir... A floresta foi devastada em uma grande área – o que levou a um grande desequilíbrio naquela região – sem que a maioria da população, agora paralisada, fizesse algo para evitá-lo.

Vocês ficaram surpresos?!? Certamente, aquela Cidade não era mais a mesma... Perdeu definitivamente a sua calma!

Mas podem estar certos de que as mudanças não pararam por aí... Vocês arriscariam um palpite?! Podem arriscar...

Se o palpite foi em relação à Natureza, acertaram!!!

Pois é, com o passar de alguns poucos anos, a Natureza também mudou... E não foi qualquer mudança!

O Sol, agora, despontava por detrás de uma montanha não tão verdejante. E testemunhava uma outra cena: o Mar que tocava a praia já não era tão azul e transparente, já não era habitado por tantos peixes... E os peixes que sobraram já não

podiam mais ser vistos em seus coloridos, muito menos brincando, e tinham que disputar os espaços do mar com detritos e lixos que boiavam por ali... Na melhor das hipóteses, viam-se apenas sombras se mexendo!

O Sol, embora ainda luminoso, tinha agora um calor incômodo... Muito mais quente! E a sensação não era mais de alegria! Talvez vocês mesmos já a tenham experimentado quando o Sol muito forte bate na pele, chegando a queimá-la...

As nuvens que escondiam o Sol eram, nesse outro tempo, muito mais escuras... E, além da chuva, anunciavam a grande poluição que passou a impregnar o ar, a atmosfera.

As ruas ficaram despidas das muitas árvores e flores. E as pessoas, ainda que muitas e diversas, em tamanho e cor de pele, foram perdendo a sua multiplicidade... Pareciam todas iguais: mesmo jeito de falar, vestir-se, sonhar, amar, desejar...

Vocês estão surpresos?! Pois eu também fiquei! Mas, se imaginam que as mudanças pararam por aí, estão enganados!

Se, por um lado, houve mudanças muito boas: a comunicação entre as pessoas ficou mais fácil, mais barata e mais rápida, houve um maior acesso dessas pessoas à informação de diferentes culturas... e muitas outras, por outro, outras mudanças, tais como as que já lhes adiantei, não foram tão benéficas...

Imaginem vocês que até a rua mudou! Não era mais um lugar de tantos bons encontros! No final do dia, as famílias e suas crianças preferiam ficar, agora, dentro de suas casas... E, de preferência, à frente de alguma telinha – computador ou TV. A mãe do Julinho e as de outras crianças passaram a proibi-los de permanecerem fora de casa tanto tempo, pois começaram a acreditar que a rua oferecia algum perigo.

E aquele barulho que se ouvia na Cidade durante todo o tempo – lembram-se?! Pois bem: havia silenciado... A cachoeira não tinha mais aquele volume d'água por causa do lixo. Agora, corria apenas um acanhado filete d'água!

Como vocês perceberam, a vida da Cidade e das pessoas mudou! Como o dinheiro era pouco para tamanho consumo, passaram a trabalhar mais. E, além de trabalhar muito mais, passaram a correr, tinham sempre muita pressa, muita pres-

sa... Diziam que não podiam perder tempo, pois, afinal, tempo era dinheiro!

E é exatamente em meio a tantas mudanças que uma estranheza começou a surgir... Isso mesmo: a Cidade se tornou estranha!!! Um negócio muito esquisito mesmo...

Vocês provavelmente já estão curiosos para descobrir que estranheza foi essa, não? E eu já vou lhes contar...

Começou a acontecer algo estranho com a maioria das pessoas daquela Cidade... Tornaram-se velozes e lentos ao mesmo tempo! Isso mesmo: ao mesmo tempo!!! Seus corpos corriam de um lado para o outro: casa, trabalho, bares, bailes, shopping... Mas não conseguiam mais pensar com velocidade... O pensamento passou a ficar lento, lentoooooooo... Não conseguiam mais encontrar saídas para os problemas da vida. Não pensavam porque corriam tanto e, exatamente por isso, não conseguiam sentir o que viviam, o que experimentavam... Tornaram-se tão cristalizados e tão duros, como as peças de uma máquina!

E aí estava a estranheza: o corpo corria, mas o pensamento andava devagar! E, assim, a população daquela Cidade foi perdendo aquilo que tinha de diferente, de singular... as pessoas pensavam igual, falavam igual, acreditavam nas mesmas coisas... sentiam, amavam, brincavam, sonhavam da mesma maneira! Tudo foi ficando muito sem graça. E a tristeza ficou mais forte que a alegria, de tal maneira que os habitantes foram encolhendo, foram ficando “achatados”.

Vocês podem achar certo exagero, mas era isso mesmo: foram ficando, tornando-se achatados, chapados!!! Vocês já viram coisa igual?!

Mas a estranheza daquela Cidade não parava por aí... Minha memória acabou de me dar uma verdadeira rasteira... Havia uma outra esquisitice que esqueci de lhes contar. Querem saber?!

Nem todo mundo podia perceber aquelas mudanças. Curiosamente, só algumas crianças começaram a percebê-la...

O prefeito Tabajara, por exemplo, completamente alheio àquela situação, só estava preocupado com a inauguração de suas três grandes e novas obras naquele lugar: um novo shopping na entrada da Cidade – o maior da região um grande abatedouro para o gado nelore e dois bustos de

bronze – um, do Sr. Jiāng Láí, e outro, do Sr. Juvenal – que, segundo o prefeito, haviam trazido um grande desenvolvimento à Cidade.

Em sua última reunião com os vereadores locais, lembro-me bem de suas palavras:

— Srs. Vereadores! Espero que não sejam muito exigentes com as regras sanitárias e aprove rapidamente o projeto do abatedouro; afinal, não há necessidade de tantos detalhes! – discursava num tom, a um só tempo, tirano e irônico...

Pasmem! Mas foi Jarlene, uma menina de 10 anos, que, bastante desassossegada com aquela situação, resolveu buscar ajuda. O nome da menina era uma mistura de dois outros nomes. Jair, seu pai, e Marlene, sua mãe. Era uma menina muito esperta que até parecia ter umas antenas bastante afinadas.

— Ei, pessoal! Precisamos fazer alguma coisa antes que essa situação contamine toda a população da Cidade! – dizia a menina às outras crianças.

— Não podemos ficar aqui assistindo a tudo isso sem fazer nada!

— Precisamos descobrir o que está produzindo essa estranheza!!! Por que nossa Cidade, agora, não está bem?

Curiosos para saberem o que Jarlene e as outras crianças aprontaram?! Aguentem firme! Já saberão!

— Já sei! Vamos conversar com o Toninho, do posto de saúde (um moço que tinha uma grande liderança junto às pessoas da Cidade).

— Quem sabe ele poderá nos ajudar?! – propôs a menina Jarlene.

Depois de procurarem por muito tempo, finalmente, acabaram conseguindo encontrar o Toninho do posto de saúde. Ele era uma figura bastante popular na Cidade e costumava percorrê-la de ponta à ponta. Por isso, vez por outra, era difícil encontrá-lo.

Conversaram, conversaram... E depois de longo tempo, Toninho teve uma ideia que parecia muito boa!

Não preciso nem perguntar se vocês querem saber que ideia foi essa, não é mesmo?!

Havia, naquela Cidade, um jornal chamado “A Aldeia Global”, criado há muitos anos por um

cidadão, o Sr. Kane, um poderoso e antigo jornalista da região. Pois bem, a ideia era chamar dois jornalistas; um, da própria cidade, que fazia um “jornalismo investigativo” e que, usando a razão, costumava investigar e desvendar muitos acontecimentos: o Sr. Platão; o outro, um correspondente internacional que acabava de chegar da Grécia: o Sr. Górgias, também conhecido como Sofista. Mas também chamar a Sr<sup>a</sup> Doxa, uma mulher de certa idade que sempre tinha uma opinião formada sobre todas as coisas que aconteciam naquela Cidade, preocupada com o consenso, com os bons costumes e a moral do lugar.

Assim, no dia marcado, todos estavam lá na praça: o Sr Platão, a Sr<sup>a</sup> Doxa e o Sr. Górgias – o estrangeiro que acabava de chegar à cidade. E mais: Jarlene, Toninho e algumas outras pessoas.

Afinal, todos eles queriam enfrentar aquele problema: por que a Cidade, agora, não estava bem?

Com a sua máquina fotográfica pendurada no pescoço, é Platão quem inicia o diálogo:

— Senhores, em primeiro lugar penso que não podemos responder a esse problema, isto é, encontrar a verdade dos fatos, sem antes sabermos exatamente o que definimos como Bem. O que é o Bem? Eu pergunto aos senhores... É preciso definirmos que ideia é essa: Bem. Não posso investigar o porquê da Cidade não estar bem se não sei definir o que é essa ideia – o Bem.

— Alto lá, senhor Platão! Mas o que é isso? Você fala como se houvesse uma única e absoluta verdade. Não há “a verdade”, fixa, eterna, a mesma em toda a parte, em qualquer lugar e em qualquer tempo. Isso para mim não tem qualquer valor ou sentido!!! Existem verdades...que têm a ver com a história e o tempo dos fatos...nisso, sim, acredito. O bem pode ser uma vida alegre, uma cachoeira com muita água, o bom encontro das pessoas na rua, brincar com os peixes no mar, consumir só por nossa necessidade – respondeu, em tom de crítica, o Sr. Górgias, com o seu sotaque estrangeiro.

— Ilusão sua! Você está cego, não consegue encontrar a verdade! Você está apenas dando exemplos do que poderia ser o Bem... Não me referi a exemplos, mas à Ideia de Bem, que é imutável, é sempre a mesma em qualquer circunstância. Isso tudo são aparências, não são a verdade! O que é o

Bem para essa Cidade e para qualquer outra será o Bem hoje e para sempre! Aquilo que é essencial e define o que é o Bem é o que nos vai dizer como devemos viver. Como descobrir? Basta usar a Razão... Ela é soberana! Só através dela chegaremos à Verdade mais verdadeira! – insistiu aquele jornalista investigativo, o Sr. Platão, com ar de quem tem a verdade mais verdadeira!

— Discordo plenamente! Para enfrentarmos esse problema e encontrarmos uma resposta para a pergunta “Por que a Cidade não está bem?”, é preciso conhecer a história desta Cidade... Precisamos da razão, sim, mas também sentir o que aconteceu com esta Cidade, que acontecimentos a fizeram ficar diferente... Não há outra maneira!! Além do mais, não creio em verdades que são para sempre, imutáveis...

Se vocês pensaram que a Sr<sup>a</sup>. Doxa não estava atenta à discussão, enganaram-se.

Frente à divergência dos dois jornalistas, não se conteve e soltou uma espécie de desabafo, que insistia em sair com indignação:

— Nossa, quanta divergência! Precisamos conversar mais e chegar a um acordo, a um consenso. Sugiro que cada um de nós dê a sua opinião e, então, chegaremos a um ponto em comum, a um sentido comum, àquilo em que a maioria acredita...

Como vocês já devem ter percebido, esse caloroso diálogo não teve uma duração curta, varou algumas horas noite a dentro...

Vocês podem achar esquisito, mas sou capaz de ouvir o pensamento de vocês, ávidos de curiosidade, para saber qual daqueles pretendentes à verdade conseguiu triunfar... Estou apostando!!! Acertei?!!

Mas, desta vez, não serei eu a dar a resposta, mas vocês próprios... É uma desafiadora provocação, não?! Deixo-lhes algumas perguntas que poderão ajudar a construir uma boa resposta. Aqui vão elas...

Cá entre nós: vocês perceberam que nossos personagens pensam diferente?

Será que algum deles possui mesmo a verdade mais verdadeira? O que vocês pensam?

Por que será que a estranheza não atingiu toda a população daquela Cidade, mas apenas parte dela? O que terá acontecido com a Cidade?

Hoje, vocês conheceram os personagens que vão estar conosco em nossos encontros filosóficos...

### Referências Bibliográficas:

DELEUZE, G. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. *Lógica do Sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fontes. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

DELEUZE, G. ; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997. 4 v.

\_\_\_\_\_. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FOUCAULT, M. *Em Defesa da Sociedade*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

NIETZSCHE, F. *Ecce Homo: Como alguém se torna o que é*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Assim Falava Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PLATÃO. *Diálogos*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; Tradução José Cavalcanti de Sousa, Jorge Paleikat, João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os Pensadores).

SPINOZA, B. *Ética*. Tradução bilíngue de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

### Abstract

The intention here is to give visibility to this story, a collective and transdisciplinary construction, as one of the strategies created to operate the extension project "Thinking contemporary life with children and adolescents through Philosophy". From a concrete and living reality, where different and disparate ways of living are brought face to face, the idea was to invent a device that could move children and adolescents to put in doubt our contemporary world. That would happen through some philosophical themes, in this case, the idea of *truth as essence, a thing by itself*, and as a *historical production* and its possible relations with life; operate Philosophy near children and adolescents, challenge them to build ways to face the contemporary biopolitical production. More specifically saying: encourage them in the construction of escape lines from the hegemonic standards of subjectiveness imposed by that biopolitical production and the society that initiates it, specially the one involved in the controlling practices.

**Keywords:** Capitalism, Subjectivity, Ethics, Philosophy.

